

OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA: UMA PERSPECTIVA NA ERA DA PÓS-VERDADE E DO NEGACIONISMO

Carlos A. Zanotti

Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte (Limiar). Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Campinas/SP

zanotti@puc-campinas.edu.br

Vitória Ramos Landgraf

Bolsista CNPq em iniciação científica da Faculdade de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Campinas/SP

vitoria.rl@puccampinas.edu.br

Introdução

O presente estudo tem a finalidade de investigar, frente ao crescente processo de divulgação de mentiras e negacionismo de toda natureza – fomentado até por personalidades públicas – a interpretação do conceito de objetividade jornalística na literatura acadêmica. Classicamente, a objetividade que se pratica na imprensa refere-se à tentativa de reprodução fiel de um fato noticioso. Sabedores desta “regra de ouro”, os atores sociais mal-intencionados sentem-se confortáveis em dar declarações públicas enviesadas ou mentirosas, ao gosto do chamado “jornalismo declaratório”, modalidade fartamente adotada na imprensa brasileira.

A produção deste trabalho justifica-se à medida que o jornalismo profissional se encontra diante da necessidade de melhor refinar seus processos produtivos frente à necessidade de reconquistar audiências em função da oferta de conteúdos de qualidade duvidosa que circulam na rede de computadores. Entendemos que a persistência em estratégias do jornalismo declaratório – em uma era em que a chamada pós-verdade se tornou instrumento utilizado para o exercício do poder político – exige uma reflexão da qual os jornalistas já não mais poderão se desobrigar no tempo presente.

Enquanto método, partimos de uma pesquisa bibliográfica e documental junto a trabalhos acadêmicos focados em técnicas e fundamentos do jornalismo. Foram rastreados textos em livros referenciais, bancos de dados de congressos da área e periódicos científicos, bem como foram consultados os manuais de redação de dois dos principais jornais brasileiros: *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

1. Fundamentação teórica

Nossa pesquisa apurou a presença do tema objetividade em jornalismo em obras do pesquisador brasileiro Luiz Amaral (1996), dos jornalistas americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003) e do estudioso alemão Günter Bentele (1998), professor ligado à área de relações públicas na Universidade de Leipzig. Esses autores definem que o conceito e a aplicação da objetividade no jornalismo ainda são precariamente compreendidos e mal formulados. Segundo Amaral, apesar do reconhecimento generalizado da objetividade como orientação e parâmetro da atividade jornalística, não se pode negar o peso da subjetividade na produção da informação noticiosa. “A questão é saber se é possível, e em que grau, o ser humano descrever as coisas como elas realmente são. Independentemente da relação que temos com elas. É saber se, de fato, a objetividade é um caminho para a verdade e a realidade”, questiona Amaral (1996, p. 18).

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, a pesquisa bibliográfica e documental motivou a elaboração de diferentes categorias de análise para a compreensão do fenômeno, sendo uma delas o conceito de verdade. Segundo Kovach e Rosenstiel, a “primeira grande obrigação do jornalismo é com a verdade” (2003, p. 61), expressão que suscita uma interminável discussão no plano filosófico. Bem por isso, os procedimentos e processos criados pelo jornalismo remetem à construção de uma hipotética “verdade funcional” (id. *Ib.*, p. 68). Não seria, assim, uma verdade no sentido absoluto ou filosófico do termo, mas seria uma informação suficientemente segura para que “possamos funcionar no dia a dia”, como pontuam os autores. Dessa forma, é possível afirmar que os conteúdos só são aceitos como fatos pelos jornalistas se fizerem sentido no contexto de o que já é conhecido ou assumido pelo maior número possível de pessoas, ou se forem baseados no senso comum.

Segundo Amaral, a objetividade é a verdade vista como uma correspondência com a realidade, e não como algo em que é vantajoso acreditar. Sendo assim, abraçar a pós-verdade, em que fatos objetivos têm menos impacto do que apelos a emoções e crenças pessoais, equivale, então, a assumir o viés de informação que mais convém ao interessado, independentemente da verdade factual ou de qualquer base científica. Como bem pontuam modernamente Spinelli e Santos (2018), pós-verdade se refere a um mundo no qual a mentira é amplamente disseminada e ocupa uma posição de destaque no debate público. “O termo se encaixa em um mundo em que mentiras, rumores e fofocas se espalham velozmente, formando um cenário propício para a formação de redes cujos integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional da imprensa” (SPINELLI; SANTOS, 2018, n/p).

Ao problematizar a verdade, Foucault (1996) argumenta que é impossível separar o contexto histórico e as regras que regem as práticas discursivas da análise do status "verdadeiro" e "falso" de quem fez uma afirmação. Segundo o autor, as fontes oficiais, muitas vezes de cunho político e econômico, ajudam a estabelecer uma ordem discursiva que predomina no campo acadêmico do jornalismo. Nesse caso, o exercício do poder lhes assegura uma posição de privilégio na esfera jornalística, que serve como modelo replicador de uma visão hegemônica.

2. Resultados alcançados

QUADRO 1, abaixo, reproduz excertos discursivos dos pesquisadores já citados em que debatem a objetividade e a verdade jornalística. Como é possível observar, os autores discutem a importância de não distorcer a verdade. Vejamos os principais argumentos:

Luiz Amaral	“Para os realistas, a verdade deve ser interpretada como correspondência com a realidade (objetividade); para os pragmatistas, a verdade é aquilo que é vantajoso para nós crermos (subjetividade).” (1996, p. 19)
Günter Bentele	“ Se nós reconhecermos a postura de uma teoria do conhecimento relativista (como a posição de que só há diferentes verdades subjetivas, não existe uma verdade e nem objetividade) então nós teríamos consequentemente que aceitar tanto a propaganda nazista quanto a cobertura jornalística em uma sociedade democrática como verdade subjetiva. ” (1988, p. 294).
Bill Kovach e Tom Rosenstiel	“É muito mais produtivo, e mais realista, entender a verdade jornalística como um processo – ou uma caminhada contínua na direção do entendimento – que começa com as primeiras matérias e vai se construindo ao longo do tempo”, (2003, p. 70).

Fonte: Autores (2022), com grifos nossos.

Ao levar em conta que existem mentiras e discursos de ódio nas esferas social e política, Bentele cita como exemplo de distorção da verdade a propaganda nazista, estratégia que levou a efeitos desastrosos. Dessa forma, seguir a doutrina jornalística de “ouvir o outro lado” e ser “isento” nem sempre leva a resultados sustentáveis. Imagine-se, por exemplo, oferecer espaço noticioso para terraplanistas ou negacionistas do Holocausto, ou ainda sobre a importância de vacinações, a cada matéria envolvendo mudanças climáticas, história da Segunda Guerra ou coberturas vacinais. Além de esforço redobrado por parte dos jornalistas, o resultado seria a legitimação de discursos (por fazê-los constar no mesmo espaço) que negam evidências científicas ou consensos históricos.

A ideia de que uma das responsabilidades do jornalismo é retratar corretamente a

realidade é parte crucial do que lhe confere a legitimação do jornalismo enquanto instituição social. Porém, como aponta Sousa (2002), a notícia veiculada pelos meios de comunicação é uma construção da realidade. As construções são, portanto, impregnadas de subjetivismo, elementos irracionais e sentimentais, invariavelmente refletindo o ponto de vista do jornal ou do repórter. Sendo assim, a verdade jornalística nada mais é do que uma verdade adjetiva que deve ser demonstrada através do uso de argumentos para ser aceita como tal. A "verdade" contida nesses relatos torna-se, assim, o resultado de regras institucionais e estratégias baseadas no poder, como sugere Foucault (1996).

A pesquisa desenvolvida apontou que o manual de *O Estado de S. Paulo* recomenda que, se necessário, os jornalistas podem deixar de lado os princípios da objetividade e acrescentar uma interpretação à matéria a ser publicada. Em consonância com o que afirma o documento do Estadão, Bailey (2020, n/p), um forte crítico da definição atual de objetividade, também propõe que "devemos abandonar o 'objetivismo' quando ele faz com que a verdade fique obscurecida em vez de esclarecida".

Segundo apurado, os jornais tradicionais brasileiros têm percebido que a imparcialidade ou neutralidade não são as melhores estratégias para lidar com o cenário de negacionismo e pós-verdade, e que os conteúdos jornalísticos estão a exigir a interpretação precisa do fato social. Os profissionais de imprensa precisam ficar atentos a este fenômeno, pois o jornalismo declaratório reúne potencial para comprometer o próprio regime democrático.

Conclusões

O caminho que percorremos apontou que, embora o debate ocorra há décadas, a aplicação segura da objetividade nas coberturas jornalísticas ainda é um problema relevante para o exercício da profissão. A análise de conteúdo apontou que a saída para situações desta natureza está em ampliar o contexto relatado ao leitor, bem como destacar o contraditório na mesma cobertura. Em situações-limite, ao que tudo indica, esse destaque precisa constar do título e parágrafo introdutório na cobertura de pronunciamentos que constriam a veracidade dos acontecimentos, não apenas para restabelecer a verdade, mas como uma necessidade inerente ao jornalismo comprometido com a democracia e o respeito à inteligência do público.

Referências

AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

BAILEY, I. How Objectivity Can Make Audiences Cynical about Politics and Journalism.

Nieman Reports, [S. l.], 20 mai. 2020. Disponível em:

<https://opinhttps://niemanreports.org/articles/objectivity-can-make-audiences-cynical-about-politics-journalism/iao.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,jornalismo-a-hora-da-virada,70003923015>. Acesso em: 31 mar. 2022.

BENTELE, G. Wie objektiv können Journalisten sein? In: ERBRING, Lutz; RUß-MOHL, Stephan (Hrsg.): **Medien ohne Moral**. Variationen über Journalismus und Ethik. Berlin: Argon-Verlag, 1988.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia.

Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.htm>. Acesso em: 02 de fev. 2022

SPINELLI, E. M; SANTOS, J. A. JORNALISMO NA ERA DA PÓS-VERDADE:

fact-checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, [s. l.], 2018.

DOI <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p759>. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/212398981-Issn-no-vol-4-n-3-maio-doi.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.